CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

SENTIDOS E PERCEPÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA E ESCOLA ENTRE JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DA BAIXADA FLUMINENSE

MEANINGS AND PERCEPTIONS ABOUT VIOLENCE AND SCHOOLING AMONG YOUNG SECONDARY SCHOOL STUDENTS FROM THE BAIXADA FLUMINENSE

SENTIDOS Y PERCEPCIONES SOBRE VIOLENCIA Y ESCUELA ENTRE ESTUDIANTES JÓVENES DE ENSEÑANZA MEDIA EN LA BAIXADA FLUMINENSE

Tatiane Pacheco de Mattos[1]
Sandra Regina Sales[2]

RESUMO
O presente trabalho busca refletir sobre a violência a partir das percepções de jovens do Ensino Médio, do Colégio Estadual Paulo Freire (nome fictício) na Baixada Fluminense, RJ. O ponto de partida para essas reflexões foram as vulnerabilidades que alcançam a escola, em específico, o narcotráfico. No entanto, no caminho do processo investigativo ocorreram desdobramentos que levaram a pesquisa a observar a violência de dentro da escola, necessitando, assim, de uma discussão sobre violência interna, que se deu por meio das categorias: violência na escola, contra a escola e da escola. Antes disso, apresentamos o conceito de uma juventude plural para que possamos compreender as vozes que ecoam de dentro da escola. Metodologicamente, empreendeu-se pesquisa de métodos mistos, com a realização de pesquisa

[1] Doutoranda e Mestre em Educação (Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas / PPGEduc/UFRRJ), especialista em Política de Promoção a Igualdade Racial na Escola - UFRRJ (2016), especialista em História da África e do Negro no Brasil - UCAM EaD (2015), especialista em Gestão Integrada - ISEAC (2013), graduada em Pedagogia - Segunda Licenciatura (Centro Universitário Internacional, UNINTER, 2018), graduada em Educação Física - ABEU Centro Universitário (2006), tutora presencial de Fundamentos I e II (Filosofia da educação e Psicologia da educação) (CEDERJ/UERJ) e orientadora educacional (Rede Pública do Estado/RJ). Tem atuado nas questões pedagógicas relacionadas às relações étnico-raciais e demandas juvenis.
[2] Possui graduação em Letras (1991), graduação em Pedagogia (1995), mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1998) e Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2007). Atualmente é professora do Instituto Multidisciplinar e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É líder do Grupo de Pesquisa Políticas de Transformação: pesquisas em educação e comunicação.Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação de Jovens e Adultos, Ensino Superior, Mídia e Educação e Políticas de Ação Afirmativa.

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

bibliográfica e documental e também a pesquisa de campo mediante aplicação de questionários mistos. A pesquisa mostrou que, escola e violência são termos intimamente relacionados. Os jovens informantes apontam que a violência na e da escola revelam-se por agressões morais, enquanto que contra a escola é a patrimonial. Todavia, durante o percurso necessitamos construir outras duas categorias: alunos que não percebem a violência da escola e alunos que percebem. Esta última dando origem a duas novas subcategorias: alunos que justificam a violência cometida pela escola e alunos que não justificam. A pesquisa aponta também para a polissemia do termo violência, impossibilitando a elaboração de um conceito.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Juventude. Escola.

ABSTRACT
The present work seeks to reflect on violence based on the perceptions of youngsters from High School, Paulo Freire State College (fictitious name) in Baixada Fluminense, RJ. The starting point for these reflections were the vulnerabilities that reach the school, in particular, drug trafficking. However, in the process of the investigative process, there were unfoldings that led the research to observe the violence within the school, thus necessitating a discussion about internal violence, which occurred through the categories: violence at school, against school and from school. Before that, we present the concept of a plural youth so that we can understand the voices that echo from within the school. Methodologically, we undertook research on mixed methods, with the accomplishment of bibliographical and documentary research and also the field research through the application of mixed questionnaires. Research has shown that school and violence are closely related terms. The young informants point out that violence in and of school is manifested by moral aggression, whereas against school it is the patrimonial. However, during the course we need to construct two other categories: students who do not perceive school violence and students perceive. This last one gives rise to two new subcategories: students who justify the violence committed by the school and students who do not justify. The research also points to the polysemy of the term violence, making it impossible to elaborate a concept.

KEYWORDS: Violence. Youth. School.

RESUMEN
El presente trabajo busca reflexionar sobre la violencia a partir de las percepciones de jóvenes de la Enseñanza Media, del Colegio Estadual Paulo Freire (nombre ficticio) en la Baixada Fluminense, RJ. El punto de partida para esas reflexiones fueron las vulnerabilidades que alcanzan a la escuela, en específico, al narcotráfico. Sin embargo, en el camino del proceso investigativo ocurrieron desdoblamientos que llevaron a la investigación a observar la violencia de dentro de la escuela, necesitando así una discusión sobre violencia interna, que se dio por medio de las categorías: violencia en la escuela, contra la escuela y contra la escuela, de la escuela. Antes de eso, presentamos el concepto de una juventud plural para que podamos comprender las voces que resuenan dentro de la escuela. Metodológicamente, se emprendió investigación de métodos mixtos, con la realización de investigación bibliográfica y documental y también la investigación de campo mediante la aplicación de cuestionarios mixtos. La investigación mostró que, escuela y violencia son términos íntimamente relacionados. Los jóvenes informantes apuntan que la violencia en la escuela y la escuela se revelan por agresiones morales, mientras que contra la escuela es la patrimonial. Sin embargo, durante el recorrido necesitamos construir otras dos categorías: alumnos que no perciben la violencia de la escuela y alumnos perciben. Esta última dando origen a dos nuevas subcategorías: alumnos que justifican la violencia cometida por la escuela y alumnos que no justifican. La investigación apunta también a la polisemia del término violencia, imposibilitando la elaboración de un concepto.

PALABRAS CLAVE: Violencia. La juventud. Escuela.

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesse trabalho serão apresentados resultados da pesquisa relacionados às impressões dos jovens acerca da violência interna na escola. Cabe destacar que este não era o objetivo inicial do trabalho, pois as hipóteses iniciais miravam apenas a violência externa e, mais especificamente promovida pelos narcotraficantes. No entanto, no percurso da pesquisa outra questão foi levantada, surgindo assim, por iniciativa dos jovens informantes, a necessidade de investigar a visível violência interna que ocorre no ambiente escolar.[3]

No cerne da metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, documental e de campo através da aplicação de questionário misto a 110 estudantes do Colégio Estadual Paulo Freire. Em relação à abordagem, trata-se de uma pesquisa de métodos mistos (CRESWELL & CLARK, 2013) complementada pelo programa estatístico R-project, versão 3.4.3 por meio do Microsoft Excel, o qual permitiu a análise das respostas. Especificamente para este trabalho apresentamos também nuances do questionário sobre a violência externa, as quais explicam a gênese do questionário de violência interna, já que logo no início da pesquisa a violência promovida pelo narcotráfico não se apresentou como principal incômodo aos jovens.

Esse trabalho parte de duas premissas importantes acerca da ideia de juventude e de violência, dois termos crivados de tensões e polêmicas no âmbito da sociedade e que ganham contornos diferenciados quando relacionados com escola. A primeira premissa parte da necessidade de interrogar os sentidos de juventude presentes no debate público e acadêmico em sua relação com a escola. Uma visão muito difundida, esvaziada do mínimo de critérios, é pensar que apenas um grupo de pessoas em determinada faixa etária que se intitularia "juventude". Nessa perspectiva, poderíamos entender que a juventude tem parâmetros homogeneizantes e lineares. Embora seja necessária a relação com a idade cronológica, esta não será o único critério considerado para a compreensão de juventude nesta pesquisa, visto que esta tem o aspecto social como elemento principal (BRASIL, 2013).

Acerca do tendencionismo de apresentar a juventude com um caráter homogêneo, não negamos os "aspectos comuns a essa fase de vida como um todo" (CORTI, 2002, p. 222). Todavia, requer diferenças nas demandas e experiências como

[3] Este trabalho é fruto de uma pesquisa mais ampla que resultou na dissertação XXXXX concluída no ano de 2018, no Programa XXXXXXX da XXXXXXX, a qual não necessitou ser submetida ao Comitê de Ética, não contou com financiamento e não atravessa conflitos de interesses.
Embora o artigo tenha sido escrito em coautoria, a autoria das tabelas e gráficos foram mantidas como na dissertação, ou seja, elaboradas apenas por uma das autoras do artigo.

classe social, gênero, raça/etnia, escolarização, religião e o trabalho, que atravessam os jovens anacronicamente. Em outras palavras, compreendemos e concebemos a juventude de forma plural.

Além disso, consideram que a própria noção de juventude é dinâmica e mutante, pois aspectos sociais, geracionais, entre muitos outros jogam importante papel nesse processo (CORTI e SOUZA, 2012). Nesse sentido, Dussel (2009, p. 7), introduz um outro elemento importante para compreensão da relação entre juventude e escola ao propor interrogações sobre a transmissão pela escola de uma cultura comum, já que esta "se encontra com sujeitos bem diferentes daqueles a que estava acostumada e que esperava". Assim, a concepção de juventude deve ser ampliada de tal forma a ser compreendida como uma categoria sociológica, ou seja, é como um processo de construção social que passa por transformações, as quais a escola não acompanha (BERINO e FILHO, 2017).

São muitos os desafios a serem enfrentados pela escola, dentre eles, oportunizar o contato e confronto com o desconhecido, pois temos visto que conservar ideias unilaterais arraigadas no passado vai de encontro às perspectivas democráticas e acabam por gerar espaços de tensões e silenciamentos dos estudantes. Sendo assim, é necessário repensar o espaço escolar para responder aos desafios que as juventudes nos apresentam.

A segunda premissa é a urgência de se repensar as relações entre juventudes, escola e violência. Abramoway e Rua (2002) apresentam pontos relevantes sobre a violência no entorno das escolas, trazendo o narcotráfico para o centro da produção de violência. Contudo, também apontam para uma perspectiva a partir de outro ângulo: o de dentro da escola, ou seja, a violência que ocorre no ambiente escolar. As autoras consideram que a violência interna das unidades escolares pode ser associada à manifestação de uma insatisfação de toda uma conjuntura do sistema social e/ou educacional, embora deixem explícito que não seja um fator determinante.

Entretanto, optamos por utilizar as categorias e subcategorias de violência interna propostas por Vóvio, *et al* (2016) somadas às categorias de Marra (2007) através das concepções dos atores da escola. Vóvio, *et al* (2016) trabalham com as categorias e subcategorias: violência na escola (patrimonial, física, moral ou simbólica); violência à escola (patrimonial, física, moral ou simbólica); violência da escola (física, moral ou simbólica); indisciplina e outros[4]. Estas se relacionam com as categorias construídas por Marra (2007): categorias de desrespeito ao outro, a qual chama de violência simbólica

[4] As categorias disciplinas e outros conforme perspectivas de Vóvio, *et al* (2016) não serão abordadas aqui, mas estão entrelaçadas as categorias de Marra (2007), que considera a indisciplina como um elemento de subcategoria do grupo de desrespeito ao outro, exemplificado por gozações, gritos etc.

ou institucional; categoria de ameaça e agressão, seguida de lesão corporal; e categoria de depredação de bens materiais e roubo, intitulado como vandalismo.

Analisando as perspectivas de Vóvio, *et al* (2016) e Marra (2007) percebemos que, apesar de apresentarem um distanciamento de quase uma década, as categorias propostas em ambos os estudos estão intimamente relacionadas. Todavia, para coleta de dados, utilizamos a estrutura sistemática de Vóvio, *et al* (2016) no questionário de violência interna,. Agregado a isso, elencamos as opções relacionando-as às causas e motivações promotoras de violência conforme Marra (2007).

O trabalho está organizado em três seções. Na primeira, apresentamos o percurso metodológico e os motivos que nos levaram a optar pelo uso do questionário misto como técnica de coleta de dados, o qual nos auxiliou na analise das respostas dos informantes por meio da frequência em que as palavras aparecem ao final da coleta (BARDIN, 1977). A segunda seção demonstra os resultados da pesquisa, ou seja, como os jovens percebem a violência no interior da escola a partir das categorias, na/contra/da escola, os principais agentes e possíveis motivos. Na última seção apresentamos as nossas conclusões sobre escola e violência a partir das impressões dos jovens. Percebemos a polissemia da palavra violência, o que inviabiliza a construção de um conceito objetivo, pois a violência tem sentidos diferentes e suas variações estão imbricadas ao sujeito.

Neste campo de pesquisa, revelou-se por meio das categorias de Vóvio, *et al* (2016), que a violência na escola tem predominância na agressão moral. Enquanto que na categoria violência contra a escola, há uma maior concentração de violência patrimonial e, por último, a violência da escola em maior parte não é percebida, todavia, é lembrada por outro grupo por situações também de ordem moral.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para a coleta de dados, optamos pela aplicação de questionários por vários motivos. Trata-se de um instrumento que reúne mais rapidamente as respostas dos informantes e em maior quantidade; podem também ser aplicados simultanemente, o que otimiza o tempo da pesquisa; facilitam a tabulação das informações para posteriores interpretações e análises da realidade; e, por ser de caráter anônimo, contribui para respostas mais precisas (GERHADT e SILVEIRA, 2009).

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

Segundo Gerhadt e Silveira (2009), a estrutura do questionário é ordenada por questões abertas quando as respostas são livres; fechadas quando as respostas são escolhidas dentre as opções expostas; mistas quando, partindo das opções expostas, ainda há a opção de 'outros'. Para os objetivos desta pesquisa, optamos pela estrutura do questionário misto.

O modelo de questionário utilizado com os jovens para a pesquisa teve como principal objetivo expressar a realidade por meio de levantamento de dados, e interpretá-los através da frequência com que aparecem ou não, nas respostas. Essa frequência é um indicador para avaliarmos as nossas hipóteses diante das percepções dos jovens informantes. (BARDIN, 1977, p. 115),

Apesar de o questionário ser um instrumento que apresenta as informações com caráter objetivo, permitindo um trabalho minucioso nas análises, ele apresenta sérias limitações. É possível que questionários não retornem para o aplicador ou até mesmo que seu preenchimento seja feito de forma parcial, pois permite a leitura de todas as perguntas pelo informante, o que pode influenciar em suas respostas. Além disso, não permite auxílio para preenchimento, o que pode ser um fator que dificulta a não compreensão das perguntas pelos informantes (GERHADT e SILVEIRA, 2009). Contudo, a técnica, ainda assim, se apresenta como a mais apropriada, considerando a quantidade de informantes, o tempo da pesquisa e o anonimato que contribui para a fidedignidade das respostas.

Acerca da aplicação dos questionários, esta ocorreu em dois momentos: no primeiro instante, foram aplicados apenas aos jovens do 3º ano do EM do mês de agosto do ano de 2017. Após o primeiro movimento de análise das respostas dos informantes, decidimos ampliar o universo da pesquisa em setembro, trabalhando também com as turmas de 1º e 2º anos do EM, de modo que aumentássemos as possibilidades da pesquisa no sentido de obter resultados mais expressivos sobre a violência externa.

Anterior aos momentos de aplicações, houve breves explicações sobre os objetivos e fins da pesquisa para os professores, coordenadores e direção da escola, para que assim, pudessem multiplicar as orientações aos jovens estudantes e informantes. Os questionários foram entregues para preenchimento durante as aulas, pelo período de vinte e cinco minutos do tempo cedido pelos colegas professores, os quais fizeram a distribuição e o recolhimento dos mesmos.

Destacamos que no espaço de tempo em que o questionário sobre a violência externa estava sendo coletado, ao recebê-los dos professores, percebemos uma forte inquietação e insistência de alguns jovens a apontar a escola como violenta, relacionando ao fato de o colégio punir alunos desuniformizados, mantendo-os no refeitório. Colocações como essas, inicialmente, não faziam parte dos objetivos da

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

pesquisa, mas passaram a ser desconsideradas, o que se confirmou com a recepção e análise dos questionários das turmas de 1º e 2º anos do EM. As falas reincidentes foram encorajadoras para novas perspectivas de pesquisa antes não consideradas .

Durante a aplicação dos questionários, os estudantes poderiam assinalar até duas opções, ou seja, quando não encontravam uma opção coerente com as suas impressões, os informantes poderiam assinalar o campo 'outros', registrando ao lado sua percepção. Os dados foram coletados também pelo Sistema Operacional Microsoft Excel e o programa estatístico R-project, versão 3.4.3, para construção das tabelas e posteriores inferências, sobre a frequência das palavras. . Ao final das aplicações, dos 173 jovens matriculados no EM, foram devolvidos 123 questionários sobre a violênica externa, correspodnendo a um total de 71,09% de devolutivas dos jovens. Sobre a violência interna, a devolutiva foi de 110 jovens, ou seja, houve a participação de 63,58% dos jovens matriculado no EM, conforme a Tabela 1:

Tabela 1 – Relação da quantidade de jovens do EM por ano de escolaridade x quantidade de questionários devolvidos.

Variável		Frequência	Percentual (%)
Jovens matriculados	1° Ano	63	36,41
	2° Ano	55	31,79
	3° Ano	55	31,79
	Total	173	**100,00**
Devolutivas sobre violência interna	1º ano	44	40,00
	2º ano	31	28,18
	3º ano	35	31,81
	Total	**110**	**63,58**

Fonte: Autora, pesquisa de campo.

Cabe destacar que, apesar de as análises se debruçarem sobre as respostas dos 110 jovens, o perfil traçado e apresentado a seguir foi sobre os 71,09% dos jovens que responderam ao primeiro questionário em agosto.

RESULTADOS DA PESQUISA

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

Para compreensão e análise de conteúdos é necessário a apresentação do perfil dos jovens que participaram da pesquisa, respondendo ao questionário sobre a violência, que posteriormente deve que ser dividida em externa e interna. Contudo, nos atentaremos para as impressões acerca da violência vista dentro do espaço escolar, dentro das categorias: violência na escola, contra a escola e da escola.

Na tabela 2 apresentamos o perfil dos informantes com respeito à faixa etária, gênero, classificação racial, rendimento escolar e ocupação.

Tabela 2[5] – Análise descritiva do perfil demográfico da juventude do Colégio Estadual Paulo Freire.

Variável		Frequência	Percentual (%)
Turma	1° Ano	49	39,84
	2° Ano	38	30,89
	3° Ano	36	29,27
Idade	15 anos	18	14,63
	16 anos	27	21,95
	17 anos	42	34,15
	18 anos	19	15,45
	19 anos	13	10,57
	20 anos	4	3,25
Sexo	Feminino	64	52,03
	Masculino	59	47,97
Raça/etnia	Branco	29	23,58
	Pardo	60	48,78
	Preto	34	27,64
Quantas Vezes	1 vez	35	28,46
	2 vezes	24	19,51
	3 vezes	2	1,63
Ficou reprovado?	Nunca reprovou	62	50,41
	Não	98	79,67
Trabalha?	Sim	25	20,33

[5] O perfil dos jovens foi elaborado a partir do questionário de violência externa, aplicado anteriormente. Por conta disso, não representa a realidade dos jovens que responderam ao formulário de violência interna, tendo em vista que são formulários aplicados em datas diferentes. Assim, o perfil passa a ter um sentido de representatividade, pois foram aplicados nas mesmas turmas.

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

Fonte: Autora, pesquisa de campo.

A Tabela 2 revela que a média geral dos participantes da pesquisa é de 16 anos e 11 meses. Dentre esses, 70,43 % estão na categoria jovem-adolescente, 29,27% estão na categoria jovem-jovem (BRASIL, 2005). Somente 20,33% dos jovens afirmam exercer atividades remuneradas no momento da pesquisa. Esse dado foi um tanto surpreendente, pois embora a grande maioria seja bastante jovem, o que possa explicar o fato de quase 80% dos informantes não trabalharem, é possível que boa parte destes não esteja considerando trabalho atividades laborais informais ou temporárias.

Ainda sobre trabalho, as atividades remuneratórias que apresentaram maior percentual entre os jovens informantes foi a de atendente, concentrando 44% dos jovens nos estabelecimentos de bares, padarias, lanchonetes, lojas de doce, mercados, açougues, papelarias e pizzarias. Dos que atuam com vendas, somam no total 20% dos informantes, que citam trabalhar com mercadoria como lanches, roupas e trufas. Em seguida 12% atuam como auxiliares de professores em escolas, e por último, outras seis funções concentram 24% dos jovens, sendo ajudante de obra, cabeleireiro, chaveiro, manicure, funileiro e babá.

Ao observamos a questão racial dentro da unidade escolar pesquisada, escola pública de comunidade, nos deparamos com uma concentração maior de alunos que se autodeclararam pardos, de acordo com a as categorias utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Quando utilizamos o critério utilizado pelo movimento negro e também por órgãos oficiais como o próprio IBGE de somar as categorias pretas e pardas para compor a categoria do negro, encontramos que mais de três quartos do conjunto dos informantes se autodeclara como parte dessa categoria.

A respeito da quantidade de jovens que já foram reprovados em alguma etapa da vida escolar, 49,6% já ficaram reprovados, ou seja, quase a metade dos que participaram da pesquisa. Acerca dos motivos, percebe-se que dentre as causas da reprovação relatadas, identificamos duas categorias: aquelas que têm relação direta com a escola (notas baixas, indisciplina etc.) e as que não têm relação direta com a escola (mudança de residência, trabalho etc.).

GRÁFICO 1 - Análise descritiva das reprovações relacionadas, ou não, à escola.

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU



Fonte: Autora, pesquisa de campo.

Como se pode perceber no Gráfico 1, dos 49,60% dos jovens que por algum motivo já foram reprovados, 57,40% apontam motivos que se relacionam ao trabalho pedagógico da escola. No entanto, esses dados não estão ligados diretamente ao Colégio Estadual Paulo Freire, pois a reprovação também se deu em outras etapas de ensino e em outras escolas, considerando assim, todo o período escolar do jovem.

Apresentadas as informações do perfil dos informantes coletadas no questionário sobre a violência externa, partimos para as inferências sobre os dados da violência interna, apontadas pela juventude do Colégio Estadual Paulo Freire, representada pelos jovens do EM no ano de 2017.

A Violência Interna, segundo a juventude do EM, no Colégio Estadual Paulo Freire

A função do questionário nesta seção é mapear como a violência interna se manifesta no ambiente escolar, sob o viés de compreensão dos jovens. Embora pareça um tanto familiar pensar em violência dentro de uma instituição educacional, Vóvio, *et al* (2016) apresentam categorias construídas por Charlot (1997), as quais demonstram ações violentas dentro da escola, por meio da violência na escola, violência contra a escola e violência da escola.

Relacionamos a categoria violência da escola como exótica no sentido atribuido por Velho (1978, p. 5) segundo o qual "o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido". Nesse sentido, o familiar necessariamente não é o conhecido, a exemplo da violência na escola e contra a escola. Exótico é aquilo que não vemos, mas pode ser conhecido, como a violência da escola. Sendo assim, os termos se relacionam à hierarquia e posição social, pois não se pode ignorar ou negar a escola como uma instituição de poder. Ideia esta que se coaduna com Velho (1978, p.

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

129), quando apresenta que a "'realidade' (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada".

Postulando ideias da existência de violência na escola Paulo Freire, *locus* da pesquisa, tomemos as perspectivas de Vóvio, *et al* (2016), as quais consideram os eventos que poderiam ocorrer em qualquer tempo e espaço, ou seja, não há necessariamente uma relação direta com a escola, destacando-se três subcategorias: a patrimonial, que engloba os furtos e danificações de pertences pessoais; as agressões físicas, executadas por alunos e responsáveis entre si e contra os profissionais que trabalham na unidade; as agressões de ordem moral, ou seja, as discussões, ameaças e intimidações suscitadas entre os alunos e responsáveis entre si e, também, contra os profissionais da escola.

Sob uma percepção superficial e familiar, é possível enxergar a violência contra a escola, ou à escola, muito próxima do conceito que Vóvio, *et al* (2016) apresentam. Nessa situação, provavelmente pensamos em questões relacionadas ao patrimônio, ou seja, atos que danificam os bens duráveis e não duráveis da instituição, como também ligados aos furtos, às agressões físicas e de ordem moral, sendo esta manifestada por meio de discussões, ameaças ou intimidações. Em todas as situações pontuadas, os profissionais da escola são acometidos pelos alunos, responsáveis e pessoas externas de um modo geral.

Tecendo um pouco mais sobre a questão do patrimônio, Gadotti. *et al* (2015, p. 124) apontam para uma malha complexa na sociedade e a violência nas escolas seria apenas mais um dos fios dessa malha. Por desdobramentos puxa-se outro fio, a relação escola e comunidade, trazendo como exemplo a depredação da escola, sendo apropriado pensar sobre as causas que levam a isso, afinal, "o que a escola significaria para uma comunidade a ponto de esta se voltar dura e violentamente contra aquela?"

Ambas as categorias citadas acima, violência na escola e contra a escola, fazem parte do universo que Velho (1978) aponta como familiar, pois traz o ponto de vista dos jovens já conhecido pela instituição. É o perfil de violência que a escola conhece e divulga desde o tempo pretérito, fazendo a manutenção do *status* de heteronomia. Dessa forma, a relação de dominados e dominadores continua, e o conceito de democracia é desqualificado (FREIRE, 1978).

De forma intencional, a categoria "violência da escola" foi deixada por último, pois rompe com concepções tradicionais, apresentando o que para os jovens lhes soa familiar. Porém, é possível que a violênca da escola seja desconhecida pelos próprios informantes, pela instituição, ou até mesmo um desconhecimento dissimulado por parte da escola, tornando a questão exótica.

Essa categoria é apresentada por Vóvio, *et al* (2016) como condutas institucionalizadas de ordens física e moral, que são respectivamente manifestadas por

agressões físicas, discussões, ameaças e intimidações. Tais fatores são iniciados, na escola, pelos profissionais entre si, contra alunos e seus responsáveis, nas dependências da escola. A categoria não é facilmente reconhecida, visto que foram utilizadas perguntas para que não houvesse indução nas respostas, evitando assim, o desconforto na escola entre alunos e profissionais, embora tal medida proporcione maior dificuldade na tabulação dos dados.

A análise procurou obedecer a ordem de violência na escola, violência contra a escola e violência da escola de forma categórica e rigorosa. Entretanto, veremos que há momentos em que as categorias dialogam e se relacionam revelando as implicações que possuem entre si, ainda com mais intensidade quando analisadas as respectivas motivações.

Tabela 3 – Variáveis com as quais a violência na escola se relaciona: principais motivos e representações, segundo os jovens do EM do C E Paulo Freire.

	Frequência	Percentual (%)
Alunos	95	82,60
Familiares	3	2,58
Equipe de gestão	1	0,86
Professores e funcionários	11	9,50
Pessoas externas	5	4,34
Baixa autoestima	15	10,27
Personalidade	37	25,34
Falta de perspectiva em relação ao futuro e de percepção do lugar da escolaridade em sua vida profissional	40	27,39
Contexto familiar marcado pela falta de diálogo, violência doméstica, falta de interesse dos pais no desenvolvimento escolar dos jovens	23	15,75
Desejo de se fazer aceitar no grupo de referência	7	4,76
Formas de representar e viver a masculinidade	15	10,20
Estímulo da mídia	7	4,76
Outros: o tom de voz	1	0,68
Outros: problemas particulares	1	0,68
Agressão	12	7,84
Intimidação/discussão	47	30,71
Danificação de pertences	30	19,60
Furto/roubo	63	41,17
Outros: perturbar a aula	1	0,65

Fonte: Autora, pesquisa de campo.

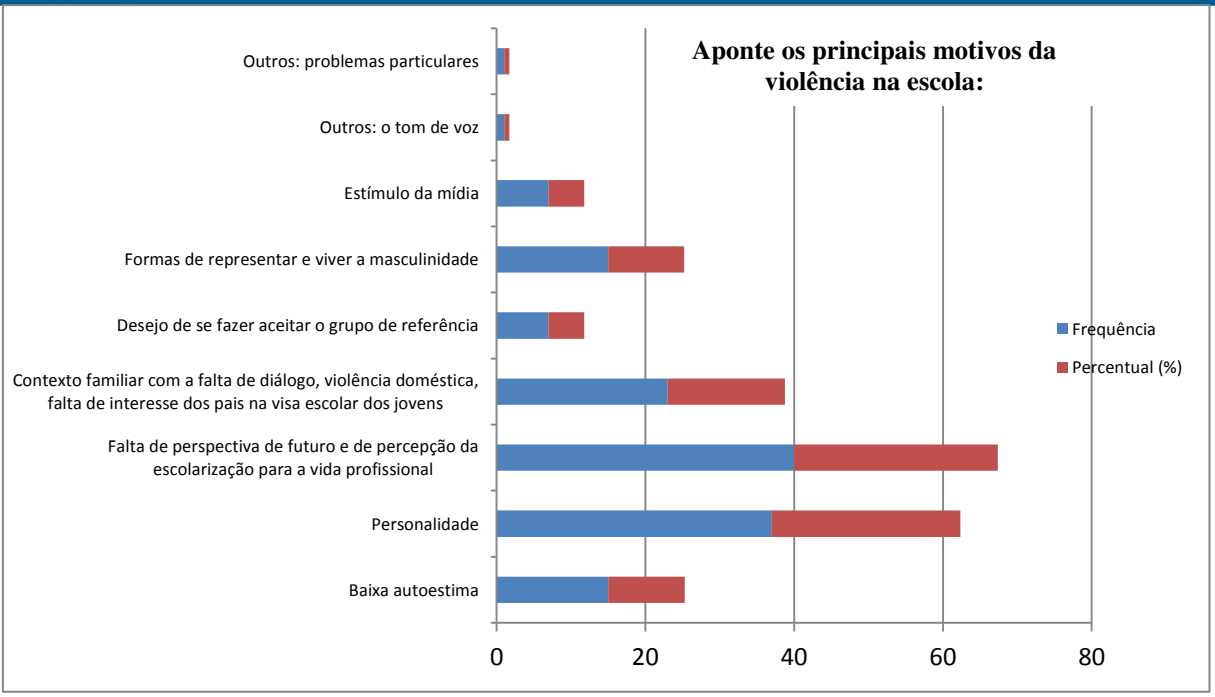
CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

Vóvio, *et al* (2016) consideram que é o tipo de violência que poderia ocorrer em qualquer outro ambiente, com destaque às subcategorias: patrimonial, agressões físicas e agressões de ordem moral. Ou seja, a violência na escola não tem relação direta com a unidade de ensino. Neste sentido, a Tabela 3 é elaborada a partir de três eixos estruturantes que buscam, por meio do entendimento dos jovens, apresentar o perfil dessa categoria a partir dos principais sujeitos, os principais motivos e as principais manifestações relacionados à violência na escola.

Os dados informados revelam, através do olhar dos jovens, que a violência na escola está relacionada em 82,60% aos próprios alunos, que pode ser expressa segundo Gadotti, *et al* (2015, p. 126) "na sala de aula, nos corredores ou no pátio". O quantitativo relacionado aos professores e funcionários não chega a 10%, não sendo, contudo, eventos desconhecidos ou que passem por desconhecidos. O mesmo pode-se dizer sobre a equipe de gestão e familiares. Porém, é também importante que seja sinalizado os 4,34% que consideram que a violência na escola pode ser associada a pessoas externas, pois é possível que pessoas da comunidade, munidas de poderes tiranos, se envolvam em questões escolares, já que a escola atende a uma comunidade em vulnerabilidade social.

GRÁFICO 2 – Análise descritiva dos motivos da violência na escola

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU



Fonte: Autora, pesquisa de campo.

O Gráfico 2 apresenta a descrição dos principais motivos geradores da violência na escola. Observando os dados que se referem à motivação, nos são apresentados uma frequência de 40 registros, ou seja, um quantitativo de 27,39% que aponta para a falta de perspectiva em relação ao futuro e de percepção do lugar da escolaridade em sua vida profissional. Com o valor de 25,34% relacionado à personalidade que, embora seja relacionada ao indivíduo (BOCK, *et al*, 2002), também se associa ao meio social que o aluno vive, pois a família é a primeira instituição social que o aluno tem contato, local onde os primeiros contratos sociais são enfatizados, ou seja, o ser humano ao nascer já está exposto aos elementos da cultura do outro (PASCHOAL e MARTA, 2012; BOCK, *et al,* 2002).

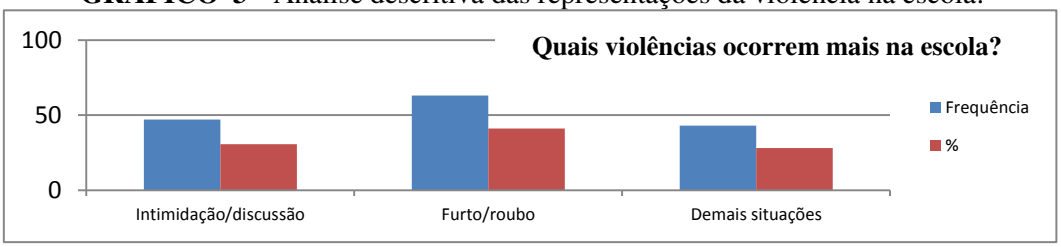
O contexto familiar aparece mais explicitamente, marcado pela falta de diálogo, violência doméstica, falta de interesse dos pais no desenvolvimento escolar dos jovens, chegando 15,75%. Pensando de forma geral, é possível inferir que quase 70% dos motivos que geram a violência na escola, estão relacionados à família, que "é simultaneamente o fator e o reflexo das mudanças sociais" (PASCHOAL e MARTA, 2012, p. 232). Vygotsky (BOCK, *et al*, 2002) chama a atenção para um sujeito "construído internamente a partir de suas relações sociais, de suas vivências e relaciona isso as manifestações afetivas e comportamentais" (BOCK, *et al*, 2002, p. 23).

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

Nesse sentido, também é possível considerar que os 10,20% dos informantes acreditam que seja uma forma de representar e viver a masculinidade, permeando o campo de gênero que também é tratado via educação informal antes mesmo de a criança iniciar a vida escolar de forma sistematizada. Sendo assim, somando todas essas variáveis, compreendemos que 78,68% tem a violência amparada de forma direta e indireta na família (PASCHOAL e MARTA, 2012, p. 232).

No entanto, destacamos que a questão não se esgota nesse campo, devendo ser relativizada devido às condições sociais, distribuição de renda, incentivo ao consumo e políticas públicas, as quais podem explicar mais sobre as situações de furtos. Na última seção da Tabela 3, registraram-se os tipos de violência na escola mais corriqueiros. Neste sentido o Gráfico 3 faz a descrição dessas ações, apontando para a evidência dos furtos como principal representação.

GRÁFICO 3 – Análise descritiva das representações da violência na escola.



Fonte: Autora, pesquisa de campo.

Distante de qualquer visão inatista, entendemos que o furto perpassa por questões sociais. Em grande medida pode estar relacionado à distribuição de renda e políticas públicas, sendo citado 63 vezes dentre os 110 questionários. Outro dado impactante é a frequência, 47 vezes, em que intimidação/discussão é registrada. As demais categorias foram citadas com médias de 14,33 vezes, cada.

Sob a sistematização das subcategorias de Vóvio, *et al* (2016), o perfil de violência na escola é de caráter patrimonial. Os informantes percebem mais a relação com o patrimônio escolar, alcançando 60,77% das impressões. Percebem a incidência de agressão moral em 30,71% e a agressão física, concentrando esta 7,84% das respostas. Aqui, encontramos os espaços de entrelaçamentos com a violência contra a escola.

Violência contra a Escola

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

A violência contra ou à escola está dividida em três subcategorias: patrimonial, agressões físicas e agressões de ordem moral. A Tabela 4 buscou registrar as impressões dos informantes por meio de dois eixos centrais, os pricipais motivos que explicam a violência contra a escola e os tipos de violência mais corriqueiros contra a Unidade de Ensino.

Tabela 4- Representações de violência contra a escola.

	Frequência	Percentual (%)
Pichação	77	52,03
Depredação	22	14,86
Agressões a professores e a funcionários	10	6,76
Intimidação/discussão com professores e funcionários	39	26,35
Ensino de baixa qualidade	7	5,83
Resultados baixos	6	5,00
Problemas de relacionamento com professores e demais funcionários	31	25,83
Estímulo da mídia	2	1,67
Problemas particulares	69	57,50
Outros: falta de interesse de aprender	5	4,17

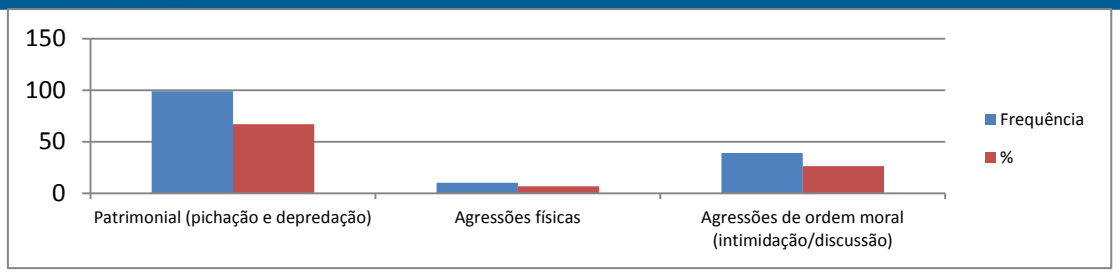
Fonte: Autora, pesquisa de campo.

É perceptível que a pichação é a principal manifestação de violência contra a escola, chegando a 52,03% das impressões dos jovens participantes. Outro índice relevante é a intimidação/discussão com professores e funcionários com 26,35% e as agressões a professores e funcionários com 6,76%. Embora sejam variáveis em menores porcentagens quando comparadas à pichação, a informação nos revela como as relações dentro da escola, aspecto fundamental na realização do trabalho, pode ser problemática.

Por meio da categoria e subcategorias de Vóvio, *et al* (2016), o perfil de violência na escola é de caráter patrimonial. Observe o Gráfico 4:

GRÁFICO 4 - Perfil da violência contra a escola.

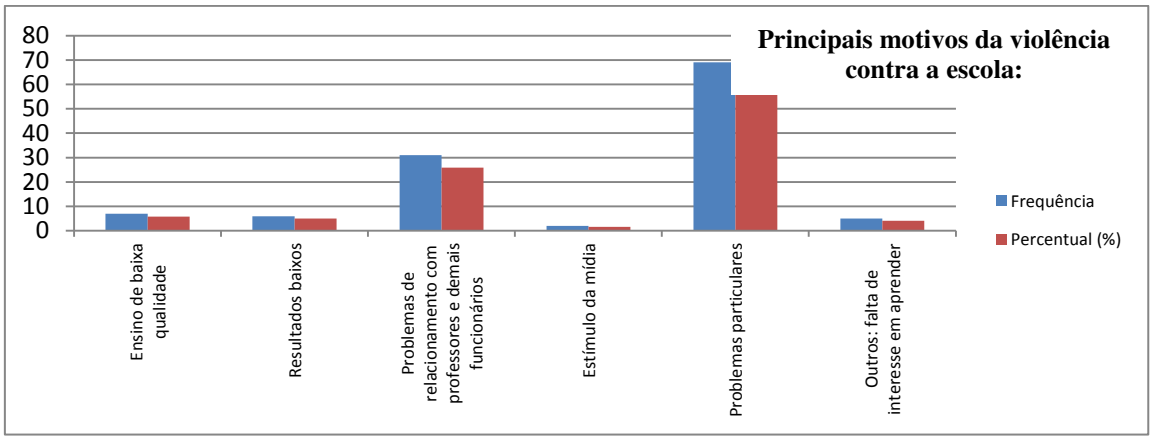
CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU



Fonte: Autora, pesquisa de campo.

Estes comportamentos contra a escola, segundo o grupo de informantes, são justificados pelas seguintes variáveis: ensino de baixa qualidade, resultados baixos, problemas de relacionamento com professores e demais funcionários, estímulo da mídia, problemas particulares e falta de interesse de aprender, conforme o Gráfico 5:

GRÁFICO 5 - Análise descritiva sobre os motivos da violência contra a escola.



Fonte: Autora, pesquisa de campo.

O Gráfico 5 informa as explicações para ações violentas conta a escola. Percebemos que a variável "problemas particulares" atinge a 57,50%, ou seja, superou a metade dos dados nesta seção[6]. Entretanto, ressaltamos o fato da violência interna se relacionar com situações para além dos muros da escola, havendo um entrelaçamento entre o externo e interno.

[6] É plausível pensarmos futuramente acerca desse contexto, pois, aqui, ficamos limitados aos objetivos propostos no desenho da pesquisa. Para leitura complementar sobre os problemas e enfrentamentos da juventude sugerimos: Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais (GONÇALVES, *et al*, 2008).

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

Não obstante, outro dado é que aproximadamente ¼ dos informantes justificam os fatos por meio dos problemas de relacionamento com professor e funcionários, o que pode ser compreendido como ausência de diálogo. Como Freire (1987) ressalta, o diálogo constitui-se de uma relação democrática, que possibilita a interação de pensamentos e favorece uma relação liberta dos ideais de opressores e oprimidos.

Retomando a questão do patrimônio, a pichação com maior porcentagem de respostas, cabe interrogar mais sobre essa constância. Segundo Gadotti, *et al* (2015, p. 123):

> Um juízo ingênuo começaria dizendo: "Veja como a massa é inculta, como a massa popular é ruim e ignorante". O que simplesmente reforçaria a percepção ideológica dos pobres – oprimidos e marginalizados pelas classes dominantes -, dos favelados etc., como sendo necessariamente bandidos. Este é o perfil delineado pelos grupos dominantes para os que estão do outro lado. Esta não é nossa posição, é óbvio. Quando nos preocupamos em localizar socialmente a maior incidência dessa violência contra as escolas é para chamar a atenção ao fato de que ela é de certa forma uma resposta a uma violência maior que é exercida contra essas populações.

A provocação de Gadotti, *et al* (2015) nos leva a olhar para dentro. É possível que a escola de hoje ainda não consiga romper com as amarras da educação tradicional. Porém, não se pode deixar de citar as fendas conquistadas, pois o silêncio dá lugar ao grito! Faz-se necessário pensar a pichação por outros vieses, sob outras linhas de raciocínio que não no automático e o simplista, sendo esse o ponto de partida para novos questionamentos. Gadotti. *et al* (2015) nos ajuda a pensar sobre o conceito de grito:

> O silêncio realmente tem sido imposto às classes populares, mas elas não têm ficado silenciosas. A história oficial é que destaca esse silêncio sob a forma de docilidade, mas os movimentos de rebeldia, que constituem a história escondida desse país, têm sido agora revelados por historiadores com sensibilidade em relação às massas populares (p. 158).

As noções de silêncio e grito nos ajudam a pensar na última categoria a ser analisada, a violência da escola, por ressaltar semelhanças com a categoria anterior.

A Violência da Escola

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

A violência da escola, segundo Vóvio, *et al* (2016), está relacionada às condutas e posicionamentos que nós, profissionais da educação, realizamos de forma institucional. Os autores apresentam as agressões físicas e morais como subcategorias, sendo que, no imaginário coletivo, essas são situações incomuns. Entretanto, Velho (1978) traz a reflexão sobre o exótico, sendo esse muito conhecido.

O questionário nesta seção não possui perguntas fechadas ou mistas. Foram constituídas duas perguntas abertas com o intuito de não induzir as respostas, para buscar a percepção dos informantes onde percebem a violência e seus motivos. Em contrapartida foi gerada uma lista muito extensa de informações, dificultando a sistematização dos dados, sendo necessário elaborar novas categorias para análise: a) alunos que não percebem a violência da escola; b) alunos que percebem a violência da escola e as justificam; c) alunos que percebem a violência da escola.

Dentro de cada categoria, é possível envolver os atos apontados pelos informantes, organizados na Tabela 5:

Tabela 5 - Análise descritiva sobre os motivos da violência da escola.

		Frequência	(%)
Não informou		41	
Não percebem violência da escola	A escola não produz violência	2	59
	A escola tem motivo, mas não comete violência	1	
	Não percebo	31	
	Não vejo como violência, e sim, como correção	1	
	Não vejo violência da escola	6	
		41	
		Frequência	(%)
Percebem a violência da escola e as justificam	Alunos indisciplinados	2	16
	Desrespeito na escola	2	
	É a defesa da escola	1	
	Porque o aluno se acha superior	1	
	Pela provocação de alunos	1	
	Quando merecem	1	
	Por ter de fazer o que o aluno quer	1	
	Quando o aluno quer passar pela autoridade do professor	1	
	Quando os alunos não obedecem	1	
		11	
		Frequência	(%)
	Quando o aluno é expulso	2	
	Falta de compreensão com os alunos	1	

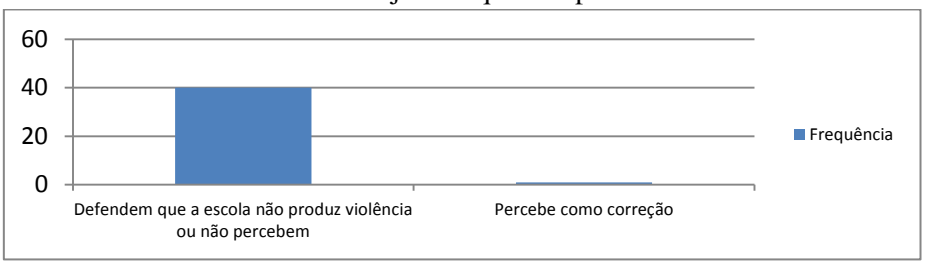
CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

Percebem a violência da escola	Falta de paciência com os alunos, tratamento com ignorância com alunos de raciocínio lento, não aceitar comentários contrários	1	25
	Intimidação	1	
	Preconceito	1	
	Preconceito religioso	1	
	Quando somos respondidos com ignorância	1	
	Quando o aluno é transferido	2	
	O aluno tem o direito de ocupação negado	1	
	Professores e funcionários não dialogam	1	
	Ofensas de funcionários	1	
	Quando não assistimos à aula por estar sem o uniforme	2	
	Quando o aluno atrasa	1	
	Soberba do funcionário	1	
		17	

Fonte: Autora, pesquisa de campo.

Quando relacionamos a Tabela 5, com o Gráfico 6 se torna mais explícito a compreensão dos jovens informantes.

GRÁFICO 6 - Análise descritiva: jovens que não percebem a violência da escola.



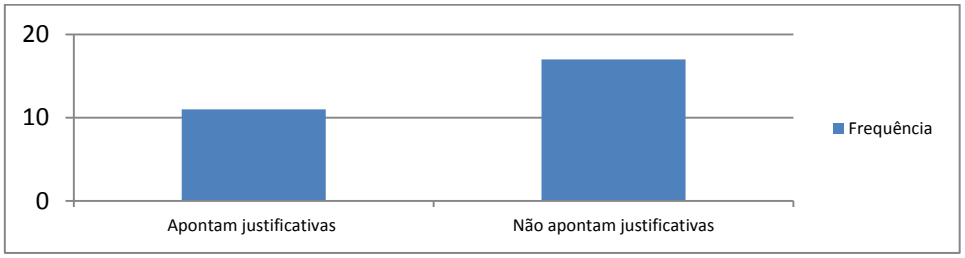
Fonte: Autora, pesquisa de campo.

Dos 59% dos informantes que não percebem a violência da escola, apenas 1 demonstra constatar uma dinâmica diferente. Entretanto, prefere apontar como correção que pode ser por um comportamento indesejado pela escola. Esse quantitativo corresponde a 59% das impressões dos jovens, que podem não relacioná-las a formas de violência, tendo em vista que a violência da escola tem se apresentado simbolicamente. Outras duas hipóteses são a dificuldade de transformar o sentimento em palavras e falta de compreensão pelo fato da escola ser sentida como espaço de socialização.

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

Em contrapartida, juntando a seção dois e três do questionário, 28 informantes identificam a violência da escola. Podemos considerar esse quantitativo muito relevante, pois se refere a 41% das impressões. Abaixo, o Gráfico 7 apresenta duas categorias que percebem a violência da escola: os que percebem a violência da escola e justificam suas ações e o grupo que apenas identifica a violência da escola.

GRÁFICO 7 – Análise descritiva: jovens que percebem a violência da escola.



Fonte: Autora, pesquisa de campo.

São 11 jovens participantes que justificam as ações violentas da escola, enquanto 17 apenas identificam sem apresentar justificativas. Isso representa respectivamente, 16% e 25%. Entendemos que essas informações revelam um processo de transição na cultura escolar, pois os que apresentam justificativas citam situações rotineiras em sala ou nos corredores, colocando os próprios alunos como provocadores dessas práticas da escola, como é o caso da indisciplina ou a falta de obediência.

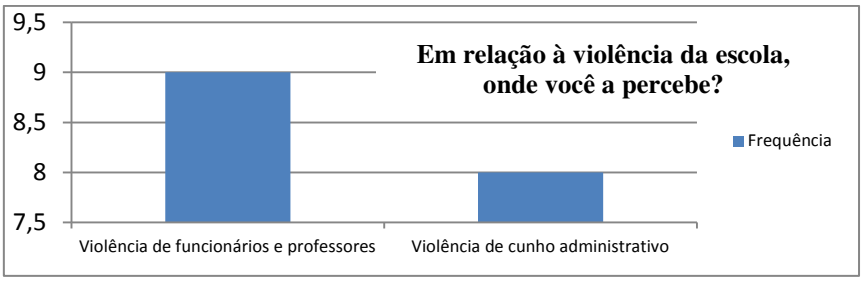
Os 25% que não justificam as práticas da escola, citam situações pedagógicas e administrativas (sendo mais visível nos casos de expulsão e transferência). Sendo assim, concordamos com Gadotti, *et al* (2015, p.120) que identificam a "estrutura e funcionamento da escola enquanto mecanismo de evasão e de seletividade" que promove violência interna, pois resulta na evasão escolar.

As duas perguntas abertas buscaram conhecer onde a violência é percebida pelos jovens informantes e seus possíveis motivos, se dessa maneira a reconhecem. No entanto, registraram nesta seção, defesas em favor da escola, sem que houvesse qualquer forma de intervenção nas respostas dos informantes.

Analisando mais profundamente a seção três da Tabela 5, observamos práticas que podem ser resolvidas pedagógica e administrativamente. O Gráfico abaixo expressa isso de forma mais compreensiva.

CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN
ISSN 1981-9250
PPGEDU

GRÁFICO 8 – Análise descritiva: formas de violência da escola.



Fonte: Autora, pesquisa de campo.

Os informantes citam, por um lado, episódios associados à administração, como o fato de a direção negar aos alunos o acesso à escola como um ambiente de lutas estudantis, não permitir assistir aula em casos de atrasos ou falta do uniforme, a expulsão e a transferência de alunos. Entretanto, por outro lado, mencionam situações relacionadas aos professores e funcionários, como a falta de compreensão e paciência com os alunos, o tratamento com ignorância, não aceitação de comentários com perspectivas diferentes, intimidação, preconceito, falta de diálogo, ofensas e soberba. Fatos assim apontam para a necessidade de continuarmos a discutir o espaço escolar, não somente no que tange à sala de aula, mas também a estrutura deste espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contrariando as hipóteses iniciais, a pesquisa apresenta a compreensão sobre violência de forma distinta, por meio do lugar de fala. Na expectativa de buscar as impressões dos jovens do Colégio Estadual Paulo Freire sobre violência, foi necessário ampliar um pouco mais o lastro da pesquisa, pois, além de serem percebidos como causadores de violência, é possível que os narcotraficantes fossem vistos como agentes sociais, por inibir o roubo na comunidade, distribuir artigos para a comunidade, promover festas em datas marcantes como o dia das crianças e dia das mães e até zelar e proteger a escola. O processo de pesquisa foi ampliando o entendimento sobre as dificuldades de compreender o que é violência, bem como o entendimento de que tais compreensões são cheias de tensões, pois dependem das lentes utilizadas.

Buscamos então, novamente por meio dos jovens informantes, a compreensão sobre esse fenômeno por outro viés, intitulando-o como violência interna, sendo as suas manifestações distribuídas em categorias como violência na escola, da escola e à escola.

A maioria dos jovens participantes da pesquisa possui idade igual ou menor de 18 anos, sendo um pouco mais de 50% formados por mulheres. Por algum motivo já repetiram o ano escolar, são majoritariamente negros e somente uma pequena porcentagem está ativa economicamente. Em análise dos perfis dos jovens acerca das reprovações, atentamos para duas novas categorias: a que tem relação direta com a escola e a que não se relaciona diretamente com a instituição.

Os jovens informantes indicam em grande escala que o aluno é o ator que mais promove eventos de violência na escola, ou seja, se auto responsabilizam. Contudo, não isentam dessa responsabilidade os professores e funcionários, embora o quantitativo esteja abaixo de 10%. Isso revela que 90% dos dados informados traduzem a naturalidade nas ações da escola, isentando esta de qualquer culpa. Assim, reafirma-se a assimetria cultural nas relações de poder.

A essa violência na escola, é atribuída a falta de perspectiva em relação ao futuro e de percepção do lugar da escolaridade em suas vidas profissionais, ou seja, 27,39% dos informantes apontam que não é percebido o sentido da escola para os projetos de vidas dos jovens. Dado esse, que pode justificar as representações de violência, como por exemplo, o alto índice de furtos. É como se os atos de violência estivessem atrelados a outros fatos, que neste caso seria a falta de sentido da escolarização.

Não é muito diferente ao abordar a violência contra a escola, onde se destacam as pichações e as intimidações/discussões que são atribuídas aos problemas particulares e de relacionamento com os professores e demais funcionários, fazendo assim, a sua manifestação uma válvula de escape, prática subversiva, diante das restrições postas, que pode ser representada pela violência da escola.

No âmbito referente à violência da escola, surgem duas categorias: aproximadamente 59% dos informantes que não percebem a escola como agressora e 41% de informantes que percebem a violência da escola. Nesta última, nascem duas subcategorias conforme as percepções dos jovens: 16% justificam as ações da escola, e há 25% que percebem, mas não apresentam nenhuma justificativa. Apesar de registrarem suas percepções da forma mais dispersa, não havendo uma concentração no que pode ser investigado, há muitos pontos por eles percebidos que desaguam em sua maior parte na estrutura engessada da gestão, que vai na contramão de toda uma preocupação legal que estabelece a permanência do aluno na escola.

Os jovens participantes da pesquisa possuem entre 15 e 20 anos de idade, e apesar de cada um possuir experiências singulares, é possível encontrar aspectos comuns, tais como a classe social, geracional, raça/etnia e escolarização. Por esse fato construído de forma homogeneizante, frustramo-nos quando não atendidos mediante as expectativas colocadas sobre esses jovens, por exemplo, estar uniformizados, ser passivo e obediente, em que a escola possa prever e controlá-los.

Diante da questão apresentada, percebemos que a violência não está exclusivamente ligada à comunidade. Percebe-se a violência demonstrada em maior grau em relação ao corpo funcional da escola, bem como fora dela. No que diz respeito ao ambiente interno da escola, 25% dos jovens informantes apontam para possíveis arbitrariedades que vivenciam na rotina escolar.

Entendendo a escola como um aparelho de socialização, cumpre o papel de informar regras sociais. Entretanto, essas normas são construídas socialmente e esses estudantes, como parte da sociedade, deveriam participar da sua elaboração. Além disso, a sociedade está em constante mudança, então é de se questionar a insistência em métodos e técnicas pautadas em tendências tradicionais.

O modelo de educação, parece não atender às perspectivas dos jovens, pois registram implicitamente que esperam da escola maior compreensão com suas dificuldades do dia a dia. Todavia, a escola ainda insiste em exercer funções do passado, ou seja, preocupa-se mais com as técnicas em prol da escrita, leitura e cálculos matemáticos, e menos com o exercício de reflexão, cidadania e construção da autonomia. Logo, se entende que o que a escola oferece, de certa forma não é atrativo, pois se distanciou tanto do contexto histórico e social que parece estar inerte e num profundo silêncio com as informações do mundo exterior.

Se por um lado vivemos uma violência por descaso do Estado nas periferias e capitais, de igual forma, produzimos violência dentro do lugar que deveria ser meio para a transformação social, o que é reflexo de momentos de tensões que a escola vive. Vimos assim, a violência em seu sentido plural. Um termo polissêmico que pode ser muitas coisas e estar em muitos lugares. Está para além do narcotráfico, sendo este apenas a chave de entrada desta pesquisa para muitas outras questões, as quais formaram o trajeto destas conclusões. Voltamos a destacar a violência que permeia a juventude negra e pobre.

A temática ganha profundidade na medida em que é desenvolvida, sendo um equívoco reduzi-la ao narcotráfico. Entretanto, a questão pode ser sentida de formas diferentes, dependendo do contexto proposto, que neste caso foi uma pesquisa dentro da escola, lugar que desencadeia muitas restrições. É possível que os resultados sejam diferentes caso tivéssemos como *lócus* um ambiente menos rigoroso, como o campo de futebol. Isso proporcionaria outro relacionamento, logo, outro contexto que influenciaria nas percepções dos jovens. Porém, nestas conclusões, vimos que a educação e a violência são termos indissociáveis.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian.; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília. UNESCO. 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa, Portugal. 1977.

BRASIL, **Lei 12.852 de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Portal Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em 30/07/2018.

BRASIL, **Lei 11.129 de 2005**. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude; altera as Leis n^{o}s 10.683, de 28 de maio de 2003, e 10.429, de 24 de abril de 2002; e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm>. Acesso em 30/07/2018.

BERINO, Aristóteles de Paula.; FILHO, Aldo Victório Filho.Conversas com jovens e escolas que passam pelos filmes e por nossas vidas. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 455-472, abr./jun. 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623664320>. Acesso em : 09 nov. 2017.

BOCK, Ana Mercês Bahia. et. al. **Psicologias:** uma introdução ao estude de psicologia. – 13. Ed. Reform. E ampl. – São Paulo : Saraiva, 2002.

CORTI, Ana Paula. **Violência e indisciplina no cotidiano da escola pública : jovens espectadores, vitimizados e agentes de agressões**. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2002.

CORTI, Ana Paula de Oliveira.; SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil: Subsídios para educadores**. Ação Educativa. 2ª Edição. São Paulo. 2012.

CRESWELL, Jonh W. & CLARK, Vicki L. Plano. **Pesquisa de métodos mistos**. Porto Alegre: Penso, 2013.

DUSSEL, Inés. A transmissão cultural assediada: metamorfoses da cultura comum na escola. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, p. 351-365, maio/ago, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. et. al. **Pedagogia**: diálogo e conflito. -9ª. Ed. – São Paulo: Cortez, 2015.

GERHARDT, Tatiana Engel.: SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil- UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009.

GONÇALVES, Hebe Signorini; *et al*. Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. Psicol. **Soc. vol**. 20 nº.2 Porto Alegre May/Aug. 2008. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000200009. Acesso 23/08/2018.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola**. Editora: Annablume. SP. 2007.

PASCHOAL, Gisele Ribeiro.; MARTA, Taís Nader. O papel da família na formação social de crianças e adolescentes. **Confluências**, vol. 12, n. 1. Niterói: PPGSD-UFF, outubro de 2012. p. 219 – 239. ISSN 1678 -7145.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: Nunes, Edson de Oliveira – A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VÓVIO, Claudia Lemos, *et al*. Livros de Ocorrências: violência e indisciplina em escolas de território vulnerável. **Arquivos analíticos de políticas educativas**, v. 124, n. 26. Arizona State University. USA. ISSN 1068-2341,2016.